

Redação em Gotas

Edição nº 22

Prof.^a Dr.^a Daniela de Freitas Marques

DICA: Os verbos bitransitivos. A tragédia esquecida ou “a não nomeação”. Segunda Parte.

Seria o Direito ou o Tempo que nos leva ao esquecimento? Tantos crimes e tantos julgamentos passaram pelos salões do júri e pelos palácios de justiça: sempre dotados de emotividade, na presença dos velhos móveis de madeira entalhados, do veludo vermelho desbotado das cadeiras altas, das vestes talares negras e sóbrias, do banco dos réus destacado e solto como se preso entre dois laços: *o da inculpação e do sofrimento, correntes invisíveis de desespero*. Parecem contos de fadas às avessas: o pálido langor das leis em contraste com o carmesim do caso e a profunda negritude de luto e de tristeza que encerram as falas e fazem fechar os olhos. O Direito dá-nos o julgamento e a pena, dá-nos o julgamento e a absolvição, dá-nos o julgamento e o apagamento de todas as dores. Se fosse um verbo, seria bitransitivo, servindo a dois senhores – mas é mero substantivo, às vezes adjetivo e às vezes advérbio, mas que tem pendor para aliar-se aos verbos com objeto direto e indireto: pois ele não se alia perenemente aos verbos como: *dar, conceder, confiar, declarar, dizer, doar, entregar, expor, mostrar, pagar, prevenir e perdoar?*

Em uma de suas crônicas, *Meu Pai*,¹ Nelson Rodrigues conta o episódio de um suborno oferecido ao pai pelo então governador de Pernambuco, Sérgio Loreto, para não levantar a verve e a pena em seu desfavor. Naquele ano de 1925, na Rua 13 de Maio, aconteceu o episódio chamado de **Pátio dos Milagres**, presenciado pelos dois meninos de calças curtas, Nelson Rodrigues e Carlos Lacerda,

“ (...) Fechou o negócio. E meu pai recebia, em seguida, o dinheiro. Não precisaria escrever nada a favor; apenas não seria contra. E, com efeito, não houve na época, um silêncio tão bem remunerado. No dia seguinte, “A Manhã” abre, em festa, as suas manchetes, contando todo o processo de suborno; e, ainda, nos cabeçalhos garrafais, meu pai anunciava que ia distribuir o dinheiro, até o último tostão, entre os pobres do Rio de Janeiro. (...) Foi dado, como já disse, até o último tostão. (...) E, então, alguém, agachado na treva, pula sobre meu pai. Eu me lembro de apenas um olho que era uma chaga. Tudo aconteceu tão depressa. Uma cara baixou e beijou a mão do meu pai. Depois, eu vi a sombra fugir, rente à parede. Não sei porque, mas quando penso nesse beijo ferido, acredito mais em mim mesmo e nos outros. ”

Anos depois, como diria Carlos Lacerda, Mário Rodrigues *morre de paixão*.² Coração partido pelo homicídio do filho. Era a tarde de 26 de dezembro de 1929, na redação do jornal “A Crítica”, uma mulher jovem e atraente perguntou, com voz doce e melódica, ao chofer Sebastião: “- *Doutor Mário Rodrigues está?*” Como ele não estava, ela concordou em ver Roberto, filho de Mário e ilustrador do jornal. Ao ser admitida no escritório, a mulher sacou o revólver calibre 22 e efetuou dois disparos contra Roberto, acertando-o no abdômen. No hospital, ele agonizaria por alguns dias, antes de morrer. O homicídio, motivado pela vingança, devia-se à publicação de matéria difamatória sobre o seu desquite e sobre um caso com o médico Manuel Dias de Abreu. Ao fim do crime, a homicida teria dito: “*Vim matar Mário Rodrigues ou um dos filhos*”.³

Nelson Rodrigues, então com 17 anos, tem a vida marcada indelevelmente pela tragédia: o crime compôs a sua obra, construiu a sua dor e fez-lhe forte no luto. Nomeia e chama o pai e o irmão. A mulher, de voz doce e de mãos manchadas de sangue, não foi nomeada em suas lembranças. Recusar-se a nomear alguém equivale a desviar a face. Não nomeamos nem os nossos monstros e nem os nossos medos. Era punição conhecida e utilizada na antiguidade: por acaso alguém se lembra daquele⁴ que, outrora, incendiou o Templo de Ártemis, em Éfeso, no ano 356 a.C., buscando a fama imortal? Quem o nomeia e o chama? *Ninguém*. Apenas a face de Deus nos acolhe, *a todos*, olhando-nos frente a frente, despojados de todas as máscaras, desvestidos de todas as paixões: o mesmo olhar que nos dirigiu quando nos criou, curando nossas chagas.

¹RODRIGUES, Nelson. *Meu pai*. In: *O melhor de Nelson Rodrigues*. Teatro, contos e crônicas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018, p.121/123.

²Ibidem.

³A tragédia encontra-se bem descrita no artigo de Paulo Sampaio para a revista JP. Cf. BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa*. Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.71/4. O nome da autora da conduta criminosa, posteriormente absolvida pelo Tribunal do Júri, era Sylvia Seraphim Thibau.

⁴O nome do incendiário era Heróstrato. Cf. NEIVA, Alex. *Fernando Pessoa*: leitor de Carlyle. Revista Desassossegado 12 | Dez/2014 | ISSN 2175-3180 DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v6i12p33-45>. Acesso em: 22 ago. 2021.